

# A CRIAÇÃO LITERÁRIA E MYSTERIUM

*Lygia Fagundes Telles*

## *A Criação Literária*

Acredito em vocação e que vem a ser simplesmente a vontade de fazer isto e não aquilo. Cumprir essa vontade, obedecer a esse chamado (*vocare* em latim) é a alegria de se entregar a uma paixão: a destinação. Não falei em condenação que seria a perda da liberdade e nessa perda, implícito nela, o amargor. Falo no cumprimento de um ofício que aceito livremente porque é o ofício do prazer. Quando eu era jovem, confesso que tinha um certo pudor em falar em vocação, achava a expressão assim arrogante, com um leve toque de soberba. Só depois é que fui compreendendo, na vocação não precisa estar o sucesso, tantas vocações cumpridas na maior obscuridade. No silêncio. O sucesso pode ou não acontecer, melhor se acontece, é claro. Mas o que importa é ser feliz seguindo esse impulso. Esse chamado do amor. Atendi a esse chamado desde a adolescência e mesmo antes, quando ainda não sabia escrever e contava histórias. A criançada da rua (foi em Descalvado? Apiaí?) vinha até a escada de pedra da minha casa e ficava ali amontoada, ouvindo as histórias que eu contava enquanto anoitecia, antes do jantar. A cachorrada em redor, como tinha cachorro! E eu inventando os casos que eram sempre de terror. A ansiedade. O medo, quando era simples ouvinte, tremia inteira, apavorada, mas assim que eu comecei a inventar os fantasmas, perdi o medo, fiquei poderosa. Fortalecida porque agora eram os outros que tremiam, não eu.

Tantas perguntas sobre o ato criador, a curiosidade, como nasce um conto? Um romance? Tenho um livro de fragmentos, miniaturas, *A Disciplina do Amor*. Isso é memória ou ficção?, perguntaram alguns leitores. Esse e outros mistérios eu tento (em vão) esclarecer. Parto da realidade para a ficção, mas sei bem que já aconteceu diferente, a invenção é que vira realidade. Comparei a idéia (que nasce em primeiro lugar) a uma aranha, a pequena aranha que vem vindo em meio da folhagem para começar a fazer sua casa: a teia. Essa teia seria o enredo.

A trama. Li nessa trama ela aguarda, paciente, os seus hóspedes, aqueles insetos dos quais se alimenta para abandoná-los depois, esvaziados. Ocos. Os insetos seriam as personagens enredadas nos fios da teia. Recorro, às vezes, a essa representação imagética para esclarecer (explicar?) a criação literária. Mas está claro que as coisas não funcionam assim nessa ordem porque há o imprevisto. E no imprevisto, a desordem. Um exemplo? Eu ia indo por uma rua quando dei com uma bela casa sendo demolida. Com que ferocidade as picaretas esvaziavam as salas, os quartos e de repente a casa me pareceu um ser vivo com o seu interior mais profundo assim exposto. Desnudado. Intacto ainda, restava apenas o jardim já decadente com os cinco anõezinhos de pedra fazendo uma roda em redor da fonte quase extinta. Fiquei olhando aquela ciranda de anões que logo desapareceria, mas continuava ali defendendo com tanto fervor o delicado fio d'água que ainda corria por entre as pedras enegrecidas. Dessa breve imagem nasceram as cinco personagens principais do meu antigo romance, *Ciranda de Pedra*. A sexta personagem, a pequena Virgínia, tentaria desesperadamente fazer parte dessa roda. Lembro agora de outro romance que teve também a sua origem na imagem que me ficou de um pensionato de freiras com as suas três hóspedes, as mocinhas universitárias, *As Meninas*. Mas a inspiração (expressão fora da moda e contudo, insubstituível!) pode nascer ainda em meio de um sonho. Ou de uma simples frase. Eu estava numa festa quando ouvi alguém dizer: "Ele teve o ano inteiro para morrer e tinha que morrer justamente hoje?!" Essa frase teria inspirado o conto que foi fazer parte de um livro, *Antes do Baile Verde*.

*A Estrutura da Bolha de Sabão* é outro conto com a sua origem numa conversa com o Paulo Emílio (Paulo Emílio Salles Gomes) que assim, de repente, falou num amigo físico que tinha em Paris e que estudava a estrutura da bolha de sabão. Bolha ou bola de sabão? Tive com o Presidente e amigo Mário Soares (as conversas!) um diálogo em torno do título desse conto que acabou virando um livro. Caso você o publique aqui, disse o Presidente, talvez seja melhor ficar *A Estrutura da Bola de Sabão*. Mas já estou enveredando por outros caminhos, volto à origem do conto, bolha ou bola me fez assim tão intrigada, quer dizer que na sua inocência também ela tinha a sua estrutura? Essa bolha que conheci na infância e que me pareceu mais inconsistente e mais vaga do que um sonho, a película. Dentro, o vazio. O nada. A intocável película transparente refletindo árvores, nuvens. Subindo assim cega e tonta até estourar na vidraça ou no muro. Quer dizer, que as bolhas de sabão que soprava quando criança tinham, na sua fragilidade, uma estrutura? Era o que o físico francês estudava. No seu imaginário a idéia foi se instalando e se desenvolvendo como um desafio. Deixei-me levar assim como a própria bolha de sabão e pensando que durante essa trajetória acabaria por descobrir que estrutura era essa, enquanto fosse escrevendo, o mistério poderia se revelar. Ou não. Mas tinha que escrever, descobrir. Consegui? A resposta fica com o leitor, só o leitor poderá agora responder. E é para esse leitor que hoje estendo a minha palavra, estendo a palavra assim como uma ponte. Vem! Ele vai me compreender? Não importa, não espero ser compreendida, espero ser amada.

## *Mysterium*

“Eu via ainda debaixo do Sol que a corrida não é para os mais ligeiros, nem a batalha para os mais fortes, nem o pão para os mais sábios, nem as riquezas para os mais inteligentes, mas tudo depende do tempo e do acaso”, diz o *Eclesiastes*. A esse tempo e acaso, acrescento o grão do imprevisito. E o grão da loucura, a razoável loucura que é infinita na nossa finitude. Vejo a minha vida e obra seguindo trilhos tão paralelos e tão próximos e que podem (ou não) se juntar lá adiante. Mas sem nenhuma explicação, não tem explicação. Os leitores são curiosos, fazem perguntas. Respondo. Mas quando me estendo demais nessas respostas, pulo de um trilho para outro, misturo a realidade com o imaginário e acabo por fazer ficção em cima da ficção. A constante vontade de seduzir esse leitor que gosta do devaneio. Do sonho. Quero provocar sua fantasia, mas agora o leitor pede lucidez, quer esclarecimentos.

Não sei teorizar, me embrulho inteira. Faço um esforço, fico fria e me aventuro em busca de descobertas, chego ao requinte dos detalhes e avanço por entre signos e símbolos do processo criador. Mas de repente, a névoa. O indevassável. O que era claro fica escuro, me perco. Insisto. A nebulosa pode se iluminar e tenho revelações. Na tentativa de desembrulhar personagens, me desembrulho e me deslumbro. Para me obumbrar de novo no emaranhado dos fios. Então a invenção vira verdade na viragem-voragem de ofício e vida.

A temática existencial da minha paixão. Quase peço desculpas por não ser mais otimista quando trato da crueldade. Do sofrimento. Do medo. Mas o amor (e desamor) não está sempre presente? Recorro ao humor que é a nossa salvação. No humor, às vezes, a loucura. Um perguntador quer saber porque falo tanto na morte. Não sou inocente (o escritor não é inocente) e começo a dourar a pílula ao enveredar para o mistério. Que é mais misterioso ainda lá nas suas raízes latinas, *mysterium*. Mas é preciso parar na letra Y que representa a boca aberta do abismo (abysmo) e mergulhar e repetir *mysterium* até ouvir lá no fundo o eco que se prolonga num rolar de pedras, *unmmmmmm...* E agora me lembro, perguntei à minha mãe se podia escrever o meu nome com I, não seria mais fácil? E ela respondeu que tinha que ser mesmo com Y. Por quê? perguntei. Não soube explicar mas tinha que ser assim. Tinha que ser. A destinação. Acredito nessa destinação dos nomes e das personagens e acredito na liberdade — é possível essa convivência? Levanto a pele dessas personagens que é a pele das palavras, quero o mais secreto e nessa busca, acabo por me encontrar. E desencontrar, lembro. E esqueço, é um jogo. Meu pai era um jogador. Herdei esse risco do jogo, a diferença é que ele jogava com fichas, cartas. Meu jogo é com palavras, perdi? Ganhei? O importante é alimentar essa viciosa esperança, é apostar na ilusão. Na paixão. Posso perder hoje, mas amanhã decerto ganho. Recuso a sabedoria da desilusão para ficar com a sabedoria da ilusão. Para ficar com o sonho.

Não espero ser compreendida (tão difícil a compreensão!), mas espero ser amada, confessei a um leitor que se queixou, não compreendeu o que eu teria insinuado nesse ou naquele texto. Perguntei-lhe, mas gostou? Se gostou, portanto é o suficiente, o resto não tem a menor importância. Afinal, ninguém

compreende ninguém, tão complicado conhecer a verdade lá dentro das pessoas. Das coisas. Quero que o meu leitor seja parceiro e cúmplice dessa ambiguidade que é o ato criador. Ato que é desespero e apaziguamento. Ousadia e insegurança. Ansiedade e celebração.

No caldeirão, a criação. Era um antigo caldeirão instalado no fogão de lenha na antiga casa que foi a casa da minha infância. E Matilde, soberana, preparando a sua sopa. Os morcegos dependurados no teto, ela também esfumaçada e escura na sua ronda sem a menor pressa. Os ingredientes. Estendia o braço até o caldeirão fervente e deixava cair um punhado de cheiro-verde. Agora era a vez daquelas ervas estranhíssimas — mas havia alguma hierarquia na entrada disso tudo? Mais uma aragem de sal. Nunca consegui saber que grãos seriam aqueles que ela deixou cair do alto num gesto de quase desdém. Não tem receita, respondeu à minha mãe. Faça como me dá na telha. Minha mãe pediu-me então que ficasse na cozinha espionando, estava ansiosa por fazer a sopa envolta em mistério. Na noite da tempestade, o fogo resistia, intratável. As goteiras pingando nas bacias. Os cachorros rosnando, excitados. E Matilde mascarando fumo e frases — mas o que ela dizia enquanto baixava a cara esbraseada para soprar o fogo? O caldeirão borbulhante e a fumaça. Ela é louca, pensei, e fugi espavorida. A sopa sem receita e sem cálculo. Matilde e Macbeth sugerindo que a vida “é história narrada por um idiota, cheia de som e fúria e que não quer dizer nada”.

A criação literária. E o escritor que pode ser louco, mas não enlouquece o leitor, ao contrário, pode até desviá-lo da sua loucura. O escritor que pode ser corrompido mas não corrompe. Que pode ser solitário mas ainda assim vai alimentar o sonho daquele que está na solidão.